

Raytheon vai controlar verba

A Raytheon vai montar um esquema para controlar a aplicação do dinheiro que o Brasil reserva para o Sivam, inclusive dos recursos a serem administrados por sua parceira paulista Esca.

No decorrer do projeto, caberá à empresa brasileira gerir cerca de US\$ 300 milhões, que servirão à contratação de fornecedores. Para agilizar seus controles, o grupo norte-americano criou a Raytheon do Brasil, com sede em São Paulo.

O diretor-presidente da Raytheon do Brasil será Alberto Jorajria, um executivo nascido em Madri, mas que pertencia aos quadros da corporação nos Estados Unidos.

O grupo Raytheon fabrica de geladeiras e livros didáticos a mísseis, aviões e radares. Ano passado, esse conjunto faturou US\$ 10 bilhões e proporcionou um lucro de US\$ 760 milhões.

Patriot — A Raytheon ficou especialmente famosa no começo de 1991, quando as “forças de coalizão” reunidas para enfrentar os soldados de Saddam Hussein no Golfo Pérsico precisaram de uma arma capaz de interceptar no ar os mísseis iraquianos (de origem russa) Scud.

O equipamento selecionado foi o míssil Patriot, fabricado pela Raytheon. Ele não fora concebido para enfrentar o Scud. Assim, o grau de proteção que proporcionou também não foi o ideal. Contudo, na emergência da guerra, constituiu a resposta possível de ser dada pelos “aliados” imediatamente.

Ano passado, o governo dos Estados Unidos tentou — sem sucesso — interessar a Raytheon no processo de privatização da Embraer (Empresa Brasileira de Aeronáutica) e desinteresse deveu-se a três motivos:

1 — Dúvidas sobre o valor confessado das dívidas da Embraer com o governo brasileiro e credores estrangeiros;

2 — A Raytheon considera impossível que a Embraer se livre de suas atuais dificuldades econômicas, conduzindo seis programas de aeronaves a um só tempo;

3 — A Raytheon é a mais séria concorrente da Embraer em uma licitação bilionária para o fornecimento de aviões de treinamento às Forças Armadas dos EUA. (RL)